

O processo de alteridade em “*Beyond the Pale*”, de Rudyard Kipling

*The Otherness Process in “Beyond the Pale”,
by Rudyard Kipling*

Mndo. João Alexandre Alves
dos Santos

PPG-Letras/CAPES –
Universidade Federal da
Grande Dourados (UFGD)

joaoalexandre.as@outlook.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1783-5077>

Dra. Leoné Astride Barzotto

PPG-Letras/ANPOLL –
Universidade Federal da
Grande Dourados (UFGD)

leoneastridebarzotto@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5097-9518>

Recebido em: 07/09/2020

Aceito em: 26/06/2021

Resumo

Fundamentando-nos na teoria pós-colonial, investiga-se a aplicabilidade do conceito de **alteridade** em “*Beyond the Pale*”, conto de Rudyard Kipling. Em consonância a outros conceitos, fortalece-se as explícitas denúncias da violenta invasão colonial na Índia, cujas reverberações socioculturais são evidentes no conto. Pretendemos reinterpretar o papel da mulher indiana nesse período, quem parece estar relegada a uma condição social duas vezes **subalterna**. cremos que esta reflexão trouxe à luz o que esteve sob o manto obscuro do imperialismo inglês: as vozes subalternas e suas repetidas investidas contra o poder colonial, as quais estiveram silenciadas pela história propagada pelo lado vencedor.

Palavras-chave: Rudyard Kipling; *Beyond the Pale*; Alteridade.

Abstract

Based on postcolonial theory, we investigate the applicability of the concept of **otherness** in “*Beyond the Pale*”, a short story by Rudyard Kipling. In line with other concepts, the explicit denunciations of the violent colonial invasion in India are strengthened, whose sociocultural reverberations are evident in the story. We intend to reinterpret the role of Indian women in this period, who seem to be relegated to a twice **subordinate** social condition. We believe that this reflection brought to light what was under the dark mantle of British imperialism: the subaltern voices and their repeated attacks against colonial power, which were silenced by the history propagated by the winning side.

Keywords: Rudyard Kipling; *Beyond the Pale*; Otherness.

Introdução

Realizadas durante a expansão territorial, política e econômica europeia iniciada nos séculos XV e XVI, as explorações cultural, econômica, social e ideológica – esta última que culminou no controle quase que completo da mentalidade e da identidade dos povos nativos –, sobretudo contra povos da Índia, África e Américas, tais propostas colonialistas visavam o enriquecimento inescrupuloso das metrópoles em detrimento da gradual pauperização da colônia, em maior ou menor grau de violência. Esse processo, colonialismo, que permaneceu fortemente estruturado à organização sociopolítica europeia por séculos, enfraqueceu as colônias de tal maneira que claros e fortíssimos resquícios ainda se fazem presentes.

Além da restrição de produção de bens, o aparato colonial, objetivando a efetivação do total domínio, manifestou-se principalmente através do silenciamento cultural, fato que corroborou a progressiva “limitação mental” dos colonizados e, por conseguinte, traduziu-se na total vigilância **panóptica** (BONNICI, 2009, p. 260)¹ – conceito alinhado à concepção foucaultiana – e no controle de ideias, do imaginário coletivo desses povos. Isso tudo foi base para a instauração muito bem-sucedida do colonialismo no mundo, o que, em outras palavras, reergueu a Europa Média, retirando-a de seu estado de calamidade econômica, política e cultural às custas da mão de obra escrava das raças não-europeias e dos bens de consumo e minerais extraídos para contrabando desses locais.

Este trabalho busca ambientação na colonização britânica na Índia, prolongada por aproximadamente 250 anos (sécs. XVII ao XX), dada a singularidade com a qual o processo se caracterizou. Apesar das intensas investidas inglesas contra a organização socio-cultural-política indiana, as quais visavam, em fidelidade a qualquer processo colonial, o pleno comando e total desmantelamento estrutural da Índia, foi essa uma das raras nações que conseguiram preservar com elevada eficácia seu estado natural pré-colonização, barrando como pôde os efeitos do que Aníbal Quijano (2005), um dos precursores da corrente de estudos decoloniais, chama de **colonialidade do poder** e conseguindo em certa medida alcançar parte da **descolonização** aferida por Bonnici (2005, p. 21). Passaram-se algumas décadas desde a independência indiana, mas as marcas dos tempos coloniais estão evidentes e vivas no cotidiano das pessoas, não por menos a língua inglesa é a língua oficial em uma das nações mais antigas e estruturadas culturalmente do planeta.

O choque cultural entre colonizador e colonizado, neste caso específico o inglês e o indiano, é um dos fatores mais representativos com o qual trabalha Rudyard Kipling no *corpus* desta pesquisa. O escritor hindo-britânico integrou à maior parte de sua produção literária, senão toda ela, o contexto colonial da Índia, onde nasceu e viveu por longo período, pontuado com intermitentes idas à Inglaterra. Em “*Beyond the Pale*”², Kipling utiliza-se, com aparente despropósito, de uma protagonista feminina para fazer alusão à ideia de tripla condição do que se chama hoje de **subalternidade**, termo aludido primeiro por Guha (1983) e ampliado à questão feminina por Spivak (1988), ambos então membros do já desintegrado Grupo de Estudos Subalternos Sul-Asiáticos – inscrito histórica e epistemologicamente na vertente pós-colonial desses estudos culturais e sociais. Aníbal Quijano, referido teórico, por sua parte inspirado pelo grupo sul-asiático, foi precursor do Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos, cujo marco data de 1992, com a publicação de “*Colonialidad, Modernidad-racionalidad*”, inaugurando a chamada teoria decolonial. Em seguida, recebe suporte intelectual do crítico Walter D. Mignolo, pois ambos se posicionavam criticamente acerca das epistemologias das ditas margens, uma vez que a América Latina era analisada e investigada a partir de pensadores latinos sediados na América do Norte. Portanto, inicia-se um processo de pensar a América Latina e de investigar suas dores e delícias a partir do sul do mundo, da própria América Latina com o apoio de críticos e produtores de conhecimento e cultura locais.

Diante do cenário composto por Kipling, Bisesa é a personagem indiana largada à inferioridade, primeiro pela própria sociedade, na qual destina-se ao homem a hierarquia mais alta e à mulher a mais baixa,

- 1 Todos os conceitos mencionados nesta seção serão retomados na discussão teórico-metodológica para esclarecimento, quando necessário, e posterior análise junto ao *corpus*. Estes mesmos conceitos ao longo do texto serão destacados em negrito.
- 2 “Além dos Limites”, tradução nossa.

ainda mais sendo viúva, e segundo pela sociedade inglesa, que, ao colonizar a Índia, interpreta seus nativos na circunstância de raça biologicamente inferior, enquanto a raça europeia é tida como a culminação, o ápice natural da espécie humana (QUIJANO, 2005). Trejago veste a persona do colonizador britânico que, embora esteja em status social de auge na colônia, apaixonou-se por Bisesa, fato que lhe reserva uma estigmatização na metrópole. Dado esse cenário primeiro na narrativa, é o narrador que alerta ao que pode acontecer depois, assim, percebemos a emblemática questão do choque cultural e de como o texto literário sagazmente faz arquivo desses antagonismos, ornando-se do reflexo e tornando-se ao mesmo tempo registro de uma época e um lugar social, bem como seus contextos extratextuais.

Bonnici (2005) defende que a ideia de “Alteridade” (lat. *Alteritas*) significa ser o outro, ser diferente, manter a diversidade [...]. A partir disso, integrando esse conceito a outros igualmente relevantes para a compreensão de sua dimensão – **outremização, objetificação, subalternidade, centro/margem** – (BONNICI, 2005, 2009) – e resgatando passagens de revide e de resistência culturais, esperamos dar respaldo suficiente para a reinterpretação do papel social da mulher subalterna numa sociedade colonizada e extremamente machista, evidenciando possíveis ocorrências e estratégias de **subjetificação** (Op. Cit.) por parte das personagens – tanto o europeu como o indiano, sobretudo Bisesa –, tudo isso a fim de que alcancemos os objetivos desse trabalho, esmiuçados na seção seguinte.

Acreditamos que os estudos pós-coloniais são uma das bases mais rígidas que podem ser erguidas no intento de estruturar e efetivar a denúncia literária e histórica aos abusos e artimanhas de dominação europeus, cuja hegemonia se estabeleceu através de grosseiras práticas imperialistas durante a colonização, as quais ainda deixam suas pegadas sociais, políticas, econômicas, culturais e, acima de tudo, ideológicas. Seria ingênuo pensar que manobras neoimperialistas não existam e que a população subalterna global estaria livre da consunção constante.

Sob a égide dos estudos pós-coloniais

A teoria pós-colonial está repleta de termos que se completam numa teia em que todas as pontas estão interligadas, formando um só tecido. É necessário começar esta seção esclarecendo isso, já que os conceitos com os quais nos armamos para a leitura e interpretação do corpus parecerão a princípio incompletos, ou um tanto obscuros. Esta seção, porém, será capaz de esclarecê-los progressivamente antes da nossa análise. Essencial, ainda, é elucidar que, apesar de os conceitos terem sido trazidos em consonância mútua – o que foi conveniente para os fins de análise propostos –, notamos o distanciamento sociocultural e epistemológico entre as vertentes pós-colonial e decolonial, dispostas temporalmente nesta ordem respectiva. Ao mencionarmos Quijano, em vista disso, cuja teoria é basilar em nossa bibliografia, notamos que esteja inscrito nesta segunda vertente, inaugurada na década de 1990. Quanto aos primórdios da teoria pós-colonial, instituída entre o final da década de 1940 e início de 1950, assinala-se como principais representantes Aimé Césaire (1913-2008), Albert Memmi (1920-2020) e Frantz Fanon (1925-1961). São estes os fundamentos que prenunciam os estudos subalternos dirigidos sobretudo por Guha e Spivak no sul-asiático em meados dos anos 1980, ampliados depois ao contexto latino-americano por Quijano e Mignolo nas Américas. Ademais, as questões pós-coloniais nascem da crítica amadurecida em países outrora colônias da Inglaterra ao passo que os estudos decoloniais surgem para tratar questões típicas do contexto latino-americano.

Nesse encalço, o termo-chave deste trabalho, o que Bonnici (2005) chama de **alteridade**, “refere-se [à ideia do] outro engajado num contexto político, cultural, religioso e linguístico”; isso determina o engajamento como ponto crucial para que haja a construção das identidades coloniais e nativas. A alteridade na pós-colonização, contexto regido pelo poder imperial europeu, é alcançada por meio do discurso. Dentro disso, a compreensão, o conhecimento verdadeiro, sobre o outro (sob a perspectiva do colonizador para com o nativo, mas sobretudo o inverso disso) junto da manutenção das diferenças étnicas, culturais, sociais e, indissociavelmente, das relações de poder, só acontecem quando existe a construção de uma identidade a partir da percepção do outro – colono ou nativo.

As identidades se constroem pela observação e se efetivam pelo discurso. Por isso, a construção do **sujeito** colonizador depende diretamente da alteridade em relação ao colonizado. Isto é, o colono se constrói, mantém seu poder frente ao **subalterno** e (re)formula suas estratégias de dominação com base na ideia que tem sobre a diversidade e engajamento do nativo; enquanto este busca (ou não) a resistência em razão da ideia formulada sobre si a partir da compreensão que tem sobre o colono. Entretanto, a aceitação e a manutenção da diferença e da diversidade do e pelo nativo tendem a causar seu engajamento frente às investidas coloniais. Cada um se constrói e age, portanto, a partir da concepção formulada sobre o outro.

É aqui que entramos na relação interdependente entre discurso e poder, analisada a fundo por Foucault e emprestada por numerosos teóricos vinculados aos estudos pós-coloniais. Para eles, discurso é a materialização de ideais através do texto; este, junto de toda sua carga semântica determinada histórica e socialmente, adquire sentidos por seu contexto de enunciação e interpretação, recepção. Bonnici (2009) alerta que o discurso está impregnado pela ideologia de quem o profere, cujo objetivo central é tornar-se poderoso o bastante para dominar os demais discursos e comandar a massa, seja ela a dos colonizadores, seja a dos colonizados. Controlando os discursos alheios e alienando o maior número de pessoas, um discurso torna-se hegemônico. Estabelece-se, diante disso, a existência de discursos mais ou menos poderosos.

Essa hegemonia cria a ideia de **centro e margem**, compreendida como a dicotomia trazida à tona pelo europeu e condição para que ele se sinta – e se efetive – em posição de superioridade. É, pois, um valor abstrato e tendencioso promovido pelo colono, servindo apenas para manter o binarismo entre o que é civilizado (europeu) e o que é selvagem e inferior (qualquer outro povo) – é claro que esses rótulos são efeito das tentativas até então muito bem-sucedidas dos europeus na divulgação de concepções universalistas de humanidade, as quais “geraram uma nova perspectiva temporal da história e re-situaram os povos colonizados, bem como suas respectivas histórias e culturas, no passado de uma trajetória histórica cuja culminação era a Europa” (MIGNOLO, 1995; BLAUT, 1993; LANDER, 1997 *apud* QUIJANO, 2005, p. 121).

Existe uma relação direta entre essa concepção e a de Eurocentrismo. Em suma, o europeu precisa promover da forma como for possível (através sobretudo do discurso) a ideia de que é superior para construir a noção de poder necessária ao colonialismo. Sabe-se, entretanto, que mesmo o centro europeu, visto por eles próprios como puro, branco e civilizado, foi uma construção histórica que passou por várias miscigenações e instabilidades sociais (QUIJANO, 2005, p. 123). As noções de **centro e margem**, portanto, dependem de quem fala, de onde fala e para quem fala e, especialmente, por que se fala aquilo que se fala.

Estratégias de domínio e de revide

O **sujeito** é o agente. Associa-se essa ideia à de dominador, poderoso, superior, versado – colono; isso não está incorreto, porém o termo também pode fazer menção ao nativo. Isso porque **sujeito** se refere àquele que age, àquele que tem habilidade (e sabe disso) para assumir uma posição mais “elevada” na sociedade e, assim, controlar o seu âmbito de ação, afirmando-se como ser autônomo, pensador, contestador, inteligente. O **sujeito** constrói e percebe a legitimidade de sua identidade, construída por meio da ideologia. “O sujeito, então, nasce dentro de uma ideologia” (BONNICI, 2005, p. 52), e é através dela que se fabricam as ideias sob as quais a própria sociedade deve se ver, ser e, por consequência, agir – ainda que inconscientemente. O **sujeito**, portanto, apesar de ser uma ideia construída pelo poder hegemônico, tem autonomia justamente porque é levado, através do discurso, a crer que tem. Um colono é **sujeito** assim como um colonizado pode vir a ser. Neste segundo caso, o nativo se efetiva como aquele que subverte, não aceitando o processo de opressão. Ele quer o poder e quer desfrutar da liberdade a que tem direito. Literaturas de revide, ou **contradiscursos**, originadas através da reescrita, são a resposta **subalterna** ao discurso hegemônico, a qual reformula os pressupostos culturais e o ponto de vista apresentados pelo texto metropolitano.

Subjetificação, logo, é a ação de tornar-se sujeito, livrando-se da ideologia hegemônica e adquirindo autonomia para agir e, principalmente, pensar. Essa segunda autonomia, dentro dos estudos pós-coloniais, é nomeada **decolonização**: consiste não apenas na libertação política da colônia, mas sobretudo na desco-

lonização das mentes nativas. É um processo complexo que não ocorre imediatamente após o momento de independência política, mas progressiva, contínua e sucessivamente, cujo efeito é a ruína do controle do pensamento e o dismantelamento do poder cultural, econômico e político do império sobre a colônia. Sua consolidação se dá na expansão do **contradiscurso** nativo. As colônias de povoamento, no entanto, como explana Bonnici (2005), ainda preservam o pensamento colonial, pois a elite é composta por numerosos descendentes de colonos. Nos locais onde houve invasão mais violenta, isso existe com muito menor frequência, dada a negação local do que é europeu. É por essa razão que o rompimento com as formas de controle europeias aconteceu e acontece com mais radicalidade nas colônias de invasores do que nas de povoamento. O povo indiano, nosso interesse neste trabalho, foi vítima de uma invasão de exploração.

A noção de **objeto** consiste naquele que recebe a ação do sujeito, é paciente e, por sua vez, não age. No pós-colonialismo, corresponde ao oprimido, o “mudo”, o selvagem e ignorante. **Objeto** é aquele que, em equivalente contraponto à ideia de **sujeito**, não tem autonomia nem ação, não é hábil a mudar a realidade nem tampouco controlá-la, é o ser ignóbil e completamente passivo. Assim como muitos de outros conceitos, é uma ideia originada da elite e propagada aos **subalternos** como ferramenta de dominação e manipulação ideológica. Desse modo, ele é direcionado à falsa auto-crença de que é inferior. Em suma, um **objeto** não tem autonomia justamente porque é levado, também através do discurso, a crer que não a tem.

Objetificação é o processo de tornar uma pessoa antes ativa, agente (um **sujeito**), em uma passiva (um **objeto**), cerceando a sua liberdade de agir, de exercer cultura, de criar significação e de pensar. Na prática colonial, seria o ato com o qual se muniram os colonos para a completa dominação dos povos nativos.

Este é um momento viável para trazer a ideia de **subalternidade**, proposta por Guha e Spivak na década de 1980. O **subalterno** é marginalizado, é **objeto** da classe dominante. Seu acesso ao poder inexistente e sua história não é contada por ninguém, e, mesmo que fosse por ele próprio, ele estaria numa posição inferior e marginal, sempre controlado pelo poder hegemônico. Spivak (*apud* FIGUEIREDO, 2010) defende que o **subalterno** está fadado ao silêncio, já que é toda classe subordinada e desprovida de qualquer poder e possibilidade de significação ou representação – uma vez que representar-se na língua do europeu é atestar o poder colonial, embora seja prova também de sua voz. Desta forma, é o fato de serem oprimidos pela mesma elite (colonizadora e europeia) que os une, colocando-os numa “mesma condição”, apesar da sua enorme diversidade étnica.

Este trabalho tratará da **subalternidade** sob a perspectiva Spivakiana: a da mulher duplamente **subalterna** – neste caso, triplamente. Visto que em sociedades pós-coloniais “a mulher sempre foi relegada ao serviço do homem, ao silêncio, à dupla escravidão, à prostituição ou a objeto sexual”, “ela é o objeto da historiografia colonialista e da construção [também histórica] de gênero” (BONNICI, 2009, p. 266).

O **Outro**, o colonizador, é o que domina e impõe valores através dos quais perpetua-se dominante; ele fabrica a ideia de **outro** e a de auto-superioridade, relegando à condição de distanciamento e inferioridade qualquer referência cultural que difira da sua. São ideias abstratas que não circundam outro lugar senão a própria mentalidade de quem a construiu (a menos, é claro, quando propagadas as estratégias de **outremização**, que transferem aos relegados essas ideias de autoinferiorização).

O **outro**, o colonizado, é dominado e se vê incapaz de lutar contra; ele é uma criação do império e vítima do discurso centralizador, onde tudo que não for europeu é visto como alheio. Dessa maneira, é divulgada a falsa ideia de que o não-europeu é inferior, dominado e sem identidade própria.

O conceito de **outremização** se constitui como o processo de dicotomizar europeu e nativo. É viabilizado, segundo Bonnici (2005), através da:

1. exploração física do território não europeu, através consequentemente do trabalho forçado;
2. denegrição da imagem do nativo, por meio de determinados **mitos** (rótulos inculcados nos dominados que o determinavam como selvagem e violento, preguiçoso, sexualmente depravado e perigoso, levando-os a entender o colono como um salvador, o único caminho para a civilização e humanização);

3. distância cultural/identitária entre o europeu (“nós”) e o nativo (“eles” – tudo que for distinto do europeu é enxergado como marginal, inferior e irrelevante).

Tudo isso constrói as dicotomias **centro-margem**, europeu-nativo, civilizado-selvagem, superior-inferior; as quais não são mais do que ideias fabricadas para “vender” uma concepção de superioridade colonizadora. Esta, entretanto, é aceita pelos nativos e perpetuada através do **olhar panóptico**, uma espécie de supervisão que busca mantê-los sob controle (em termos de cultura, valores e ideologia), minando qualquer possibilidade de buscarem **subjeficação**. Na prática, há o europeu que se mantém na elite, “preservando-se”, e o europeu que vai à colônia, servindo como representante dessa elite. É este segundo europeu que efetiva o **olhar** de controle através da desaprovação e exclusão daquele nativo que se nega a render-se ao poder colonial – as violências (físicas e ideológicas, proporcionalmente) constituem parte desse olhar repressor. A consequência disso ao colonizado é a progressiva aceitação dessas ideias, comportando-se segundo elas.

Veremos como estes conceitos se aplicam à narrativa de Kipling e qual a representatividade das personagens dentro dos parâmetros colonialistas.

Beyond the pale ou quando se ultrapassa os limites

Esse novo e radical dualismo não afetou somente as relações raciais de dominação, mas também a mais antiga, as relações sexuais de dominação. Daí em diante, o lugar das mulheres, muito em especial o das mulheres das raças inferiores, ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza [...]. Toda estrutura de poder é sempre, parcial ou totalmente, a imposição de alguns, frequentemente certo grupo, sobre os demais (QUIJANO, 2005, p. 129-130).

Tendo em vista que a colonialidade do poder, que aqui chamamos segundo Quijano, consiste na efetivação do poder europeu a partir, entre outras estratégias, do estabelecimento de ideologias raciais e de gênero escalonadas na seguinte ordem em maior ou menor grau até a modernidade: Raça (branco > asiático > negro > índio) > Gênero (homem > mulher), o papel da mulher indiana durante o imperialismo inglês parece equivaler diretamente ao mais baixo degrau da sociedade, o mais desprovido de voz e ação. É preciso lembrar que o dualismo ao qual se refere o teórico peruano baseia-se na produção de uma ideologia-base: a da superioridade determinista europeia, calcada na ideia de raça pura e naturalmente superior. Essa ideologia foi sustentada sobretudo pelos estudos darwinistas, que punham a Europa como o *ápice da civilização, da espécie e da modernidade humanas; uma trajetória que partiria de um estado de natureza primitiva (selvagem) e culminaria na Europa*.

Aparentemente, as reflexões de Quijano foram previstas sagazmente por Rudyard Kipling. Em “*Beyond the Pale*”, o autor faz uma espécie de **contradiscorso**, uma releitura da sociedade indiana do séc. XIX. Nesta análise, objetivamos desconstruir a narrativa, expondo suas marcas sócio-históricas, os indícios histórico-culturais e as in(ter)ferências coloniais. Uma **leitura contrapontual** (o trabalho de focalizar, dentro de um texto, os efeitos da colonização) é necessária para que se exponha a historicidade colonial (disfarçada por, mas também irredutivelmente) refletida pelos aspectos narrativos do texto. Compreendendo essas marcas, postas por trás da fachada literária, podemos perceber os discursos predominantes (bem como os relegados) da época e, por consequência, acessar o imaginário, o **arquivo** cultural coletivo, do **Outro** e do **outro**, que constitui um espelho, no texto, da sociedade que representa.

Kipling ambienta a narrativa numa **Zona de Contato**, entre opressor e oprimido, que consiste num espaço social de troca e interação entre culturas distintas e plurais. A teoria pós-colonial, entretanto, resalta que nessa zona um indivíduo deseja dominar os demais, e é onde acontecem mudanças culturais cuja consequência geralmente é o enriquecimento mútuo das culturas. Em contrapartida, os empréstimos culturais assimétricos (do nativo ao colono) subvertem e desrespeitam a dicotomia eurocêntrica. É o que acontece

entre Trejago e a Índia: o protagonista se mostra um grande interessado pela cultura indiana, o que o leva a experimentar um romance com uma nativa, Bisesa. O narrador nos alerta às possíveis consequências de um amor dessa dimensão neste específico contexto colonial.

Construindo significados e propostas de libertação

Através de determinados símbolos e mensagens implícitas ao início da narrativa, o narrador do conto espelha a ideologia vigente na época de resistência à miscigenação. Essa objeção parte do colonizador, mas, principalmente, do nativo. O cenário é o seguinte: dois apaixonados, um inglês, uma indiana, num contexto histórico-social que tanto um como outro lado se mostram extremamente resistentes à ideia de troca cultural. Trejago jamais poderia revelar sua empatia por Bisesa aos ingleses, assim como a jovem indiana à sua família.

“*Beyond the Pale*” é introduzido por um provérbio hindu³, completado, em seguida, por uma consideração nada animadora do narrador; após isso, a mensagem que nos fica é a de que, no contexto do conto, a miscigenação étnica e cultural constitui um grande erro, “Um HOMEM deveria, aconteça o que for, manter-se na própria casta, raça e etnia. Que os Brancos vão com os Brancos e os Pretos com os Pretos” (p. 1)⁴.

O que nos transparece é claro: os conflitos étnicos da Índia são ferrenhos, violentos, são verdades absolutas as quais não se contesta, dado que ambos os lados mantêm distância, evitando a todo custo qualquer contato. Estabelece-se, assim, um sólido limite étnico. Isso porque, para os ingleses, há o entendimento de que a etnia indiana seria naturalmente inferior e qualquer hibridização com ela traria a impureza à etnia do colono. Qualquer transgressão a esse pressuposto seria não apenas vista com “maus olhos”, mas principalmente equivaleria a um ato de antipatriotismo. Por outro lado, os indianos jamais aceitariam qualquer contato com os ingleses justamente porque foram decorrentes deles as desgraças da colonização. A perda da terra, das mulheres, da liberdade, dos minérios e riquezas e de milhares de vidas certamente não seria relevado, tampouco num contato amoroso entre os dois povos – proporcional a um ato de traição. Fica evidente, portanto, que qualquer mulher ou “homem que pisou desejosamente além dos limites da sociedade cotidiana **decente** [...] pagou caro por isso”⁵ (grifos nossos, p. 1).

O narrador de Kipling transpõe metaforicamente esses limites. Não à toa, a primeira imagem da narrativa é a do inglês Trejago, um apaixonado pela cultura indiana, perambulando, adentrando e invadindo o “coração da cidade”. Ele chega a um beco escuro mesmo durante o dia, contendo apenas uma janela em grades e paredes. É nesse ambiente hostil que se encontra a jovem Bisesa. Sem dúvidas todos os elementos opressores do local espelham a opressão da época. As paredes parecem simbolizar as barreiras – culturais, sociais, ideológicas, em suma, – étnicas; a janela com grades, a condição de Bisesa, naquele contexto, em relação ao mundo (trancafiada, prisioneira de sua própria cultura).

O curioso, entretanto, é que esse controle e enclausuramento não partem do poder colonial, mas dos próprios nativos, implicando o grande esforço na preservação de sua integridade cultural – sobretudo sexual e feminina, é claro, através da violência. É claro que esse esmero não é consequência dos bons tratos às mulheres e do respeito, mas, pelo contrário, consiste na proteção obsessiva de algo do qual se considera dono. Sabe-se que uma das características da cultura indiana é a objetificação da mulher, nivelada a objetos meramente sexuais, e isso fica claro quando Bisesa é a prisioneira do ermo beco encontrado por Trejago. Jovem e viúva, sendo indiana, a ela só restaria a morte pelo Sati, costume grosseiro ainda vigente naquele século⁶.

3 “Amor não precisa de casta nem dormir numa cama quebrada. Eu fui em busca do amor e me perdi”. Tradução nossa de “*Love needs not caste nor sleep a broken bed. I went in search of love and lost myself*”.

4 Tradução nossa de “*A MAN should, whatever happens, keep to his own caste, race and breed. Let the White go to the White and the Black to the Black*”.

5 Tradução e adaptação nossa de “*This is the story of a man who willfully stepped beyond the safe limits of decent everyday society, and paid for it heavily*”.

6 **Sati** ou **suttee** (em **devanágari**: सती, o feminino de *sat* “verdadeiro”) é um antigo costume entre algumas comunidades **hindus**, hoje em dia estritamente proibido pelas leis do **Estado Indiano**, que *obrigava* (no sentido honroso, moral, e prestigioso) a esposa **viúva** devota a se sacrificar viva na fogueira da **pira funerária** de seu marido morto. In: <https://pt.wikipedia.org/wiki/>

De todo modo, ao escutar o breve riso, que constataria vir de Bisesa, o inglês entoou a tradicional canção indiana de Har Dyal (1884-1939), revolucionário indiano contemporâneo a Rudyard Kipling. A canção chama-se “Love Song” e aparentemente representa o primeiro ponto em comum entre os dois amantes. Os limites deste texto nos forçam a não nos demorarmos em determinados detalhes secundários, todavia a miscigenação cultural e depois amorosa entre Bisesa e Trejago é simbolizada pela letra da canção, uma inequívoca referência ao romance proibido dos dois. É uma canção indiana escrita em inglês; ambas as culturas, a subalterna e a hegemônica, representadas em um mesmo discurso contracolonial.

Extrapolando talvez um pouco mais os limites deste gênero, é inevitável a constatação de que o local onde ficava o quarto de Bisesa, ao ser caracterizado como “dead walls” (p. 1), onde o Sol não batia, simboliza o nada, um local sem vista nem vida, um espaço lacunoso que reflete a forma aterradora como a cultura indiana buscou sua preservação. Ao entoar uma canção nativa escrita na língua dominante, uma clara estratégia de **apropriação** (o uso e a contravenção da língua inglesa para interesses nativos) por parte de Dyal, Trejago traz o Sol à Bisesa, a liberdade e a vida. E assim como as grades representavam os limites, sua retirada simboliza o rompimento deles, clara investida de **subjetificação** nativa.

Outros símbolos e referências podem ser observados no decorrer da narrativa, mas sua menção seria redundante, já que serão tratados nos tópicos seguintes.

A edificação/destruição do Eu

Compreender o fato de que cada personagem representa uma porção das sociedades indiana e inglesa forçadas a conviverem é ponto inicial para o entendimento das macrodimensões culturais, sociais, étnicas e ideológicas resgatadas por Kipling. Escolhemos dispô-los aqui em um encadeamento que medirá da menor à maior **subalternidade**.

1. Trejago

O personagem é o colonizador inglês, o representante direto da sociedade europeia hegemônica na Índia; por essa razão, ele é a transposição da imagem do **sujeito**, do **Outro**, do **centro**. Infere-se, porém, que ele, apesar de claramente dominador, enxerga o **outro** com **alteridade**. Isso fica claro quando o narrador nos relata aos poucos a paixão do inglês pela cultura indiana: “Trejago sabia até demais sobre essas coisas [...]. Nenhum homem inglês deveria ser capaz de traduzir cartas-objeto. Mas Trejago esparramou todas as bugigangas na tampa da sua caixa de escritório e começou a desvendá-las”⁷ (p. 2). Ele se mostra interessado pelos costumes nativos e, ao que parece, sua curiosidade transcende as suas meras pretensões masculinas e coloniais. Sua intenção de conhecer e manter contato íntimo com a etnia indiana é sinal de uma mentalidade distante da de um colono comum, que buscaria impor ideologias, costumes e concepções, em vez de buscar compreendê-las no nativo.

Não apenas conhecer o autor indiano Har Dyal, mas também compreender a carta-objeto constituem provas cabais de que Trejago estudou a cultura indiana e talvez já tivesse se envolvido com outras nativas (coisa que o leitor jamais saberá, uma vez que o narrador não menciona – essa suposição fica apenas subentendida). Entretanto, algo é certo: Trejago ama verdadeiramente Bisesa. Se não a amasse, ele poderia usá-la aos propósitos de domínio, como muitos outros colonizadores fizeram; conquistaram a terra e abusaram as mulheres, efetivando o controle em dois âmbitos centrais: território e posse da fertilidade. O papel feminino no contexto da colonização é fator de indispensável menção; devido a esses abusos, todos os continentes do mundo, consolidados sobretudo após a “descoberta” da América, têm nomes femininos. Tão indispensável

Sati. Quebravam-se, antes do sacrifício forçado, os braceletes da viúva nos próprios pulsos, o que as feria violentamente.

7 Tradução nossa de “Trejago knew far too much about these things [...]. No Englishman should be able to translate object-letters. But Trejago spread all the trifles on the lid of his office-box and began to puzzle them out”.

quanto é concluir que o amor verdadeiro dele e sua relação com a dominação inglesa descrevem uma contradição por si só e um indício da ruína do poder colonial, visto que isso equilibra o jogo de alteridades e identidades: o colonizador, Trejago, está mais a favor da identidade subalterna que da própria. Isso é fator positivo para o início da **descolonização**.

2. Durga Charan

Charan é o tio de Bisesa. Pouco se fala sobre ele, contudo alguns detalhes saltam aos olhos: poupou a vida de sua sobrinha, apesar de viúva e do Sati; concedeu-lhe uma janela que, embora abra para um beco sombrio e contenha grades, é uma escapatória para o mundo externo; poupou-lhe novamente a vida, apesar de uma punição extremamente violenta, mesmo após descobrir o romance, para ele um imoral e provocativo ato de subversão aos costumes hindus.

Seu tio é o indiano inconformado com a condição de subalternidade, em contrapartida, mostra-se um autoritário, o dominante, não fosse outra “casta” superior à dele. Ele parece ao mesmo tempo lutar a favor de e contra sua tradição. Da primeira parte, repudia o contato com os ingleses, o que desonraria a etnia indiana, e pune qualquer um que se mostre favorável a isso; da outra, a remição supostamente piedosa à sua jovem sobrinha ao ritual Sati e a punição em certa medida minimizada são sinais de desacato à própria cultura. Dessa forma, Charan é simultaneamente **sujeito e objeto**, **Outro** (em relação às mulheres indianas) e **outro** (em relação aos ingleses); e seu processo de **subjetificação**, de resistência e revide, é alcançado quando pune Bisesa e Trejago pelo ultraje romântico e duplamente transgressor.

Em certos momentos, cabem questionamentos e não reflexões, deixemos este: por que o tio de Bisesa, apesar de indiano e, aparentemente, um ortodoxo hindu, consentiu primeiro que Bisesa se eximisse da atrocidade do ritual Sati; segundo que, sendo uma viúva absolvida, gozasse de uma janela – ainda que encarcerada e encurralada –; e, terceiro, após descoberto o romance, lhe fosse poupada a vida, embora condenadas as mãos?

São respostas que nos ajudariam a compreender certas camadas psicológicas desta personagem, que transita no exato limiar entre o que é **centro** e o que é **margem**.

3. Bisesa

Triplamente **subalterna** (mulher indiana, jovem viúva e nativa colonizada), Bisesa representa a luta extrema pela **subjetificação**. Apesar de sua condição inferior em vários níveis, é ela que age primeiro, ao soltar uma “risadinha” (p. 1) visivelmente provocante, no inesperado encontro no beco. Isso não significaria muito, se não fosse pela literal prisão a que estava submetida. Agir, para ela, é praticamente uma utopia; mesmo assim, opera contra sua tradição cultural e a imposição imperial inglesa. Na mesma ocasião, aparentemente ciente dos riscos, ela completa a canção entoada por Trejago, o que se traduz novamente como uma evidência de suas tentativas de se efetivar como **sujeito**. Na manhã seguinte, é Bisesa novamente que toma a iniciativa da ação, enviando, com ajuda de uma senhora, a carta-objeto ao colonizador inglês – nota-se que a velha é cúmplice do amor que começava a nascer e tão **sujeito**, indócil, quanto a jovem viúva. A carta-objeto é uma evidente arma de astúcia, um contra-ataque em busca de **subjetificação**.

Entretanto, no decorrer do romance proibido, Bisesa não sai por completo da condição de **outra**; ela se liberta momentaneamente das amarras de sua sociedade, mas ainda assim está condenada à inferioridade de nativa – Trejago continua numa posição superior. O narrador ressalta algo relevante: “Ela era tão ignorante quanto um pássaro; e suas versões distorcidas dos rumores do mundo externo que chegavam a ela em seu quarto divertiam Trejago quase tanto quanto suas tentativas mal pronunciadas de dizer o nome dele ‘Christopher’”⁸ (p. 3). Esse é um dos momentos em que o narrador dá indicativas de que Trejago ainda pertence ao

8 Tradução nossa de “*She was as ignorant as a bird; and her distorted versions of the rumours from the outside world that reached her in her room, amused Trejago almost as much as her lisping attempts to pronounce his name ‘Christopher’*”.

lado dominador, até porque jamais deixou de ser inglês. A jovem Bisesa, em grande razão por sua condição enclausurada, limitava-se em termos de visão de mundo, e talvez isso a tornasse mais uma vez submissa, mas agora em relação ao seu amante.

Em contrapartida, o fato de o europeu questionar-se pelo resto de seus dias sobre o que mais poderia ter acontecido à Bisesa nos mostra novamente sua face empática e se configura como outra evidência do seu amor legítimo. Resta-nos, todavia, outra dúvida: será que Trejago a via como um objeto sexual, no início do romance, e só então passou a amá-la?

Portanto, apesar de, sob certo ponto de vista, sua “rebeldia” não se projetar de modo mais radical (ela não fugiu, por exemplo), por outro lado existe resistência, impulsionada por sua **alteridade**. Ela não se conforma com o fato de ser uma prisioneira – ainda que tivesse sido essa uma alternativa de seu tio para que ela não fosse condenada ao Sati – e busca até o limite a autonomia pelo agir. Outro ponto central é sua ousadia subversiva, dada a sua condição naquele contexto e período – sociedade ainda extremamente machista e em meio à colonização. Bisesa, em suma, busca sua **subjetificação** por meio da liberdade sexual a que deveria ter direito, e se apaixona por um estrangeiro, o que seria equiparado a um crime pela possibilidade de revelação dos seus “segredos” culturais ao **Outro**, ao dominador, favorecendo, caso fosse essa a intenção de Trejago, a estratégia de dominação mais antiga aferida por Quijano (2005).

Contraditoriamente, neste conto, as estratégias encontradas de **objetificação** de Bisesa não partiram do colonizador, mas do nativo Durga Charan. Basicamente, cortadas as mãos da viúva e ferido Trejago tão violentamente que o deixou manco, as punições ao casal sintetizam um símbolo fremente: o aleijamento, uma cicatriz eterna, uma marca que os denuncia visivelmente como transgressores de seus costumes étnicos.

A Contrarresposta Violenta

Mencionada a hedionda investida por parte de Charan, é necessário destacar outras duas questões:

1. Por qual razão, ao início da história, Bisesa foi poupada da morte no ritual Sati?
2. Após descoberto o romance, como se explica a violência imposta aos dois? Isto é, qual crime foi cometido por ambos?

Recuperando o costume do Sati para responder à primeira questão, no qual há violência física e assassinato à viúva, e o qual reflete a atroz cultura e o justificado machismo indianos, fica evidente que as razões para o resguardo de Bisesa não têm relação, ao que nos parece, com sentimentalismos ou piedade da parte dos familiares da jovem indiana.

Apesar de ter apenas 15 anos, Bisesa não foi poupada por compaixão. Ela era a empregada da casa e lhe eram cobrados apreço e rigor nas suas atividades domésticas, as quais não possuíam remuneração e eram supervisionadas cotidianamente pela esposa de Durga Charan – foi a falta de zelo com essas tarefas que acabou denunciando o romance proibido de Bisesa. Isso constitui tanta veracidade quanto o fato de que, para a jovem, apenas o amor se mostrava uma possibilidade de libertação da condição de **subalternidade** a que era submetida.

O amor legítimo entre ambos se mostra, então, como o meio mais representativo de combate às ideologias dominantes, sejam elas inglesas ou indianas. Suas diferenças étnicas eram notórias tanto para Trejago, que “[...] tentou explicar e mostrar-lhe que ela não compreenderia essas coisas de uma perspectiva ocidental”⁹ (p. 4), quanto para Bisesa, que respondeu “[...] simplesmente ‘Não mesmo. [...] Você é um inglês. Eu sou apenas uma

9 Tradução nossa de “[...] *tried to explain, and to show her that she did not understand these things from a Western standpoint*”

nativa [...] e a viúva de um nativo”¹⁰ (p. 4); mas, apesar de superá-las em alguma medida, a realidade imposta pelo contexto em que se encontravam é resgatada pelo narrador: “nada a manteria segura além do término de todas as relações entre eles”¹¹ (p. 4). Depois desse diálogo, porém, de fato eles se distanciaram por semanas.

O segundo questionamento prevê o papel ideológico que o romance dos dois alcançou. Trejago a amava tão verdadeiramente quanto Bisesa a ele; o único impasse aparenta ser sustentado pelo seu infeliz cenário sócio-histórico. O amor intercultural é uma afronta para as duas sociedades, mas sobretudo para a indiana, que possuía todas as razões para repudiar qualquer contato com colonizadores ingleses. O contra-ataque de Durga Charan é justificado por um sentimento de vingança que só seria suprido através da violência física, já que, em sua percepção cultural (oriental e indiana), muito provável é que tenha interpretado a investida romântica de Trejago não como um ataque físico, mas moral, **panóptico**, colonial e imperialista, algo tão ultrajante quanto qualquer outra ofensiva colonial.

A raiva bestial quase sobre-humana com a qual revidou Charan só pode ser interpretada como um sinal extremo de sua busca por **subjetificação**, uma última chance de réplica, na qual não mediu dose para um nem para outro lado. O narrador faz um paralelo interessante e curioso entre a condição do tio, durante o ataque a Trejago, e a imagem de uma “besta selvagem grunhindo”. Inevitável é que chamemos atenção à palavra “selvagem”, que, no viés darwinista denunciado por Quijano (2005), apenas reflete a ideologia inglesa em relação àquele tipo de comportamento vindo do nativo.

Percebe-se que, para ele, a violência surge como uma das únicas maneiras de se reivindicar a posição social e o respeito à cultura, bem como a sua preservação, barrando a qualquer custo as investidas de dominação inglesas. O fato de que o amor entre ambos era genuíno e a forma como equilibra o jogo de alteridades e identidades, condição incomum numa **zona de contato**, montam a razão principal da proibição pela parte do tio de Bisesa: assim como o colono não deseja igualar-se ao nativo por razões óbvias de caráter eurocêntrico, é o nativo, mormente, quem despreza e rejeita qualquer eventual nivelamento racial, cultural, social e inclusive de poder em relação ao colono. Suas identidades jamais serão as mesmas e ambos os lados, defensores da “pureza étnica”, sequer pretendem qualquer miscigenação.

Conclusões

O presente artigo aplicou ao *corpus*, o conto “*Beyond the Pale*”, alguns dos conceitos da teoria pós-colonial – sobretudo a ideia de **alteridade** – mais cabíveis às qualidades e possibilidades do enredo. Dadas as contatações, esforçamo-nos no sentido de enriquecer as proposições já desenvolvidas no âmbito dos estudos literários, bem como sua relação com a historicidade das culturas. Fato é que esperamos ter contribuído da forma mais legítima com a **(re)leitura** do conto, e que as reflexões aqui trazidas tenham exercido um papel nem maior nem menor que a própria narrativa nos oferece.

É imprescindível destacar as dimensões históricas e culturais de que o conto dispõe, para entender a parte que cumpre no contradiscurso elaborado pelos nativos colonizados ou por autores que se engajaram na mesma causa. Rudyard Kipling parece ter exercido papel importantíssimo no sentido de revidar as investidas coloniais e propagar a autonomia de pensamento até o tão prenunciado estágio de **decolonização**. A Índia está bastante próxima dessa completa liberdade e do total desmantelamento do poder imperial colonial, e talvez seja exemplo para que cada vez mais nações e culturas se livrem dos abusos que ainda se repercutem vivos através do que chamamos pós-colonização, propagada através sobretudo de truques econômicos e políticos das grandes corporações e seus governos.

Muito ainda precisa ser dito, escrito, pensado, estudado e propagado para que a maior quantidade possível de resquícios racistas, imperialistas e outremizadores desapareçam; e, à medida que se discutem esses aspectos históricos contidos nas obras literárias, a possibilidade de extermínio da mentalidade eurocêntrica

10 Tradução nossa de “[...] *simply* ‘I do not. [...] You are an Englishman. I am only a black girl [...] and the widow of a black man’”.

11 Tradução nossa de “*Nothing would satisfy her save that all relations between them should end*”.

de **centro-margem** poderá transpor-se real. Trazer essas discussões é um dos primeiros passos rumo à consciência do quanto ainda no séc. XXI acontece todo tipo de estratégias neoimperialistas, hoje favorecidas pela disseminação da informação e da comunicação e reservadas não mais às nações europeias, mas a qualquer uma que tenha condições para tal. Resta-nos, por fim, acreditar que a consciência da liberdade é a força motora dos atos de **subjectificação**, e que aquela não seja o único passo, mas apenas o primeiro, a fim de que esta se concretize, para que mais Bisesas e Trejagos se livrem das prisões socioculturais levantadas por densos muros ideológicos, a que estamos todos submetidos.

Referências

- BARZOTTO, L. A. O pensamento liminar como uma resposta à colonialidade do poder em 'La mano en la tierra', de Josefina Plá. In: *Caligrama*, Belo Horizonte, MG, v. 24, n. 1, p. 65-85, 2019.
- BEVERLEY, J. 'Por Lacan': da Literatura aos Estudos Culturais. Tradução de Fernando Vugman. In: *Travessia: Revista de Literatura*, Florianópolis, SC, 1997, n. 29/30, p. 11-42, ago. 1994/jul.1995.
- BHABHA, H. K. A questão do 'outro': diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In.: HOLLANDA, H. B. (org.) *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- BONNICI, T. *Conceitos chaves da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In.: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009.
- FIGUEIREDO, C. V. S. Estudos subalternos: uma introdução. In.: *Raído*, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 83-92, jan./jun., 2010.
- KIPLING, R. Beyond the pale. In.: BONNICI, T. *Short stories: an anthology for undergraduates*. PPG-Geografia-UEM, 2002.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In.: LANDER, Edgardo (org.) *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/> Acesso em: 05 mai 2020.